



CONVERSÃO RETROSPECTIVA DE REGISTROS BIBLIOGRÁFICOS

FABIANO FERREIRA DE CASTRO¹

Universidade Estadual Paulista - UNESP

RESUMO

As novas tecnologias permitem o acesso à informação de maneira rápida e impulsionam as unidades de informação a constantes buscas pela qualidade dos serviços oferecidos a seus usuários. Num cenário marcado por agilização dos meios de comunicação e usuários de informações mais exigentes, há a preocupação das bibliotecas em automatizar seus acervos. Para tanto, se utilizam de um processo que agiliza a automação de bibliotecas, o de conversão retrospectiva– retrospective conversion- RECON. Realizamos levantamento bibliográfico em bases de dados, sites disponíveis na Internet, periódicos, publicações avulsas e trabalhos apresentados em eventos. Como resultado, procuramos desmistificar e mostrar a conversão retrospectiva, apresentando uma amostragem do processo, as vantagens, as formas de funcionamento, enfocando um exemplo do processo de RECON.

Palavras–chave: automação de bibliotecas; catalogação automatizada; conversão retrospectiva.

¹ Bacharel em Biblioteconomia pela Universidade Estadual Paulista - UNESP.
E-mail: fabianounesp@hotmail.com



1 INTRODUÇÃO

O tema da pesquisa, Conversão Retrospectiva de Registros Bibliográficos, está inserido na linha de pesquisa Tecnologias em Informação e tem o intuito de analisar o processo de conversão retrospectiva baseado em um estudo sobre o processo de automação da Rede de Bibliotecas da UNESP - Universidade Estadual Paulista.

Num cenário marcado por inovações tecnológicas, agilização dos meios de comunicação e usuários de informações mais exigentes, surge a preocupação das bibliotecas em automatizar seus acervos.

Entretanto, não se pode pensar nessa automação e na formação de catálogos on-line sem a utilização do processo de conversão retrospectiva, pois este é um processo preliminar que proporciona uma maior rapidez ao acesso às informações até então, descritas na maioria das vezes, em suporte papel e permitirá o intercâmbio de dados bibliográficos e catalográficos de modo digital.

O RECON – retrospective conversion - conversão retrospectiva, segundo Martinelli (1998, p. 34),

consiste na transformação de fichas do catálogo em registros legíveis por máquina. O princípio do RECON é o aproveitamento de registros existentes em outras bases na formação da base de dados local, diminuindo o esforço de catalogar em máquina o material da biblioteca.

O interesse por esta pesquisa partiu de estágio realizado no período de 2000 a 2002, no Projeto de conversão retrospectiva de registros bibliográficos para a formação do Banco de Dados Bibliográficos ATHENA, da Rede de Bibliotecas da UNESP, desenvolvido pela Coordenadoria Geral de Bibliotecas – CGB/Marília, que coordena tecnicamente o funcionamento sistêmico da Rede de Bibliotecas² da UNESP. Na Universidade Estadual Paulista – UNESP, existe o Laboratório de Tecnologias

² Podemos descrever a estrutura de Rede de bibliotecas como sendo, segundo Brown (1998, p. 32), “[...] uma interligação de bibliotecas independentes que usam ou constroem uma base de dados comum [...] vendem serviços e produtos, oferecem serviços ou têm membros em muitos estados ou regiões, e desejam formar programas cooperativos com outras redes”.



Informacionais – LTI, onde estagiários, alunos do curso de Biblioteconomia da UNESP, desenvolvem pesquisas em bases servidoras gravando em arquivo legível por computador, os registros correspondentes às obras da Rede, para posteriormente importá-los na formação do Banco de Dados Bibliográficos ATHENA da UNESP.

A disciplina Catalogação Automatizada do curso de Biblioteconomia, da Universidade Estadual Paulista – UNESP/Marília, serviu de subsídio para aumentar o conhecimento sobre o assunto com relação às práticas de trabalho do profissional bibliotecário no processo de catalogação, em especial no sentido de motivar a busca por maiores informações sobre o processo de conversão retrospectiva.

Partindo do princípio de que a conversão retrospectiva de registros bibliográficos facilita a promoção do acesso às informações de acervos, otimizando o atendimento ao usuário de forma rápida e eficaz, acredita-se que esta seja uma pesquisa de relevância, que pode contribuir para os interessados no processo de conversão retrospectiva e para o ensino de Biblioteconomia, naquilo que envolve a representação e o intercâmbio de dados bibliográficos e catalográficos.

O objetivo desta pesquisa é demonstrar o processo de conversão retrospectiva em uma unidade de informação, as formas de funcionamento, suas vantagens, tendo como subsídio o processo de conversão retrospectiva da Universidade Estadual Paulista – UNESP.

O levantamento bibliográfico em bases de dados, sites disponíveis na Internet, periódicos, publicações avulsas e trabalhos apresentados em eventos, foi realizado com o objetivo de resgatar as publicações que tratam do processo de conversão retrospectiva.

A conversão retrospectiva é uma das atividades importantes para o processo de automação de acervos já constituídos, pois tem como finalidade principal maximizar o acesso às coleções que já compõem os acervos institucionais.

Com a tecnologia computacional no trabalho de catalogação, muitas instituições estão investindo no processo de conversão retrospectiva, pois essa é uma das formas de facilitar o trabalho de catalogação, no que concerne a representação descritiva da informação, as formas de busca, recuperação e acesso.



Ao falarmos em representação descritiva e conversão retrospectiva, não podemos nos esquecer dos bancos de catalogação cooperativa, como por exemplo, a base OCLC (On- Line Computer Library Center), e a BIBLIODATA-Fundação Getúlio Vargas, pois é através deles que podemos compartilhar informações bibliográficas e catalográficas de forma rápida.

Para que a automação aconteça de maneira satisfatória, o uso de softwares de qualidade que atendam as necessidades dos usuários de informação torna-se uma necessidade, Marasco e Mattes (1995, p. 48) já alertavam sobre a importância da avaliação e escolha de um software a partir da “análise de sistema e suas metodologias para definir o problema, coletar informações e apresentar todas as possíveis soluções, inclusive a mais indicada entre elas”.

No decorrer da pesquisa procuramos desmistificar e mostrar de uma forma simples e objetiva o processo de conversão retrospectiva apresentando uma amostragem do processo, sua operacionalização e vantagens.

2 CATALOGAÇÃO

Desde que o homem começou a registrar suas descobertas e conquistas, desde os primitivos meios de comunicação quando foi possível registrar o pensamento em um suporte informacional, a necessidade e a preocupação em recuperar de alguma forma o que foi registrado e armazenado parece existir. As formas de organização do conhecimento registrado foram se aprimorando até as formas de tratamento, armazenamento e recuperação atuais e nessa evolução temos os catálogos e os processos de catalogação.

Nesse sentido, é importante retomar a definição de catálogo apresentada por Mey (1995, p. 9):

[...] um canal de comunicação estruturado, que veicula mensagens contidas nos itens, e sobre os itens, de um ou vários acervos, apresentando-as sob forma codificada e organizada, agrupadas por semelhanças, aos usuários desse (s) acervo (s).

Vale ressaltar que, a escolha do melhor tipo de catálogo dependerá do planejamento, dos recursos disponíveis em cada unidade de informação, do tamanho de seu acervo e o perfil do público que irá utilizá-lo, o que influirá na definição do processo de catalogação.

A catalogação consiste na representação do item documentário. Para Mey (1995, p. 5),

[...] catalogação é o estudo, preparação e organização de mensagens codificadas, com base em itens existentes ou passíveis de inclusão em um ou vários acervos, de forma a permitir interseção entre as mensagens contidas nos itens e as mensagens internas dos usuários.

A catalogação compreende três partes: descrição bibliográfica, pontos de acesso e dados de localização.

- A descrição bibliográfica, também chamada representação descritiva ou catalogação descritiva, é a parte da catalogação responsável pela caracterização do item, ou seja, reproduz quase todas as suas informações na forma como se encontram no item.
- Os pontos de acesso são componentes da parte pela qual os usuários podem acessar a representação de um item no catálogo; são escolhidos e determinados pelo catalogador, de acordo com regras e normas, contidas em diversos instrumentos de auxílio.
- Os dados de localização são as informações que permitem ao usuário localizar um item em um determinado acervo. Em catálogos de uma única unidade de informação, os dados de localização se limitam ao número de chamada, enquanto, em catálogos coletivos, compreendem também a indicação da instituição biblioteca onde o item pode ser encontrado.

O bibliotecário/catalogador elabora representações de itens documentários de uma determinada organização ou unidade de informação, de forma a simplificar a busca e a recuperação dos mesmos. Essas representações abrangem tanto o aspecto físico dos itens como seu conteúdo. Com essas representações, criam-se instrumentos que serão utilizados como subsídios para as práticas biblioteconômicas: bibliografias, catálogos, boletins de serviço de alerta, entre outros. Cabe também ao profissional bibliotecário promover a divulgação dos itens documentários, permitindo que os usuários encontrem itens novos.



Ao citarmos a prática de catalogação não podemos esquecer dos avanços que as novas tecnologias trouxeram para esse campo, aumentando os recursos de tratamento, armazenamento, busca e recuperação documentária permitindo o desenvolvimento da catalogação automatizada, objeto de análise do próximo tópico.

3 CATALOGAÇÃO AUTOMATIZADA

A catalogação utilizou de todos os recursos tecnológicos disponíveis desde a Antigüidade e sempre procurou possibilitar a rápida busca, recuperação e disseminação da informação e de documentos e até hoje se busca o desenvolvimento de recursos e processos adequados para a realização do trabalho de representação descritiva.

Com o uso da Internet, os usuários de informações passam a usufruir de grandes montantes de informações, e para recuperá-las são necessários métodos eficientes de descrição e armazenamento. Há, nesse contexto, a preocupação das bibliotecas em desenvolver bancos de dados e catálogos on-line, a fim de disponibilizar de modo eficiente grandes quantidades de informação. Nesse contexto os serviços cooperativos entre as bibliotecas, no que tange ao intercâmbio de informações bibliográficas e catalográficas, apresentam-se como uma boa alternativa.

Souza, Catarino e Santos (1997, p. 4), dizem que:

É de conhecimento de todos os bibliotecários os inúmeros benefícios que a automação trouxe para a área de biblioteconomia, porém o impacto maior tem sido na catalogação. A utilização das redes de telecomunicações proporcionou uma melhor interação entre bibliotecas nacionais e internacionais, concretizando assim a catalogação cooperativa.

A existência de redes de catalogação cooperativa possibilitou a criação de bancos de dados bibliográficos e catalográficos que também fornecem registros, já existentes, às suas cooperantes.

Entende-se por base de dados cooperativa a reunião dos registros bibliográficos de diferentes unidades de informação em meio



magnético, constituindo-se em um catálogo coletivo onde os mesmos podem ser consultados e aproveitados por qualquer uma das unidades de informação integrantes da rede (SOUZA e MOSTAFÁ, 1999, p. 128).

Em um sistema cooperativo, normas e padrões são fundamentais para garantir a qualidade dos registros catalográficos, com a finalidade de alcançar a consistência de dados e facilitar o intercâmbio dos mesmos.

As redes de catalogação cooperativas visam ao intercâmbio de dados bibliográficos e catalográficos e se utilizam de formatos de intercâmbio de dados.

O primeiro formato para intercâmbio de dados bibliográficos e catalográficos foi apresentado pela Library of Congress – LC em 1964 denominado MARC (Machine Readable Cataloguing). Esse formato foi gerado a partir da necessidade de registrar os dados bibliográficos em meio magnético, de forma que os computadores pudessem reconhecer e processar os diferentes elementos da descrição bibliográfica, aumentando as possibilidades de acesso aos itens documentários, o que estimulou o desenvolvimento de um empreendimento cooperativo entre as bibliotecas.

Para estrutura do formato MARC, a LC criou também um conjunto de regras para a descrição e organização dos dados em fita magnética. A partir dessas regras, foram criados os protocolos Z39.50 e ISO 2709 que orientam sobre a estrutura de um registro e a transferência de dados bibliográficos, respectivamente.

Por ser aceito internacionalmente, inclusive no Brasil, atualmente o formato MARC americano (USMARC) é denominado MARC 21, identificando este século.

No Brasil muitas unidades de informação integraram-se à rede de catalogação cooperativa BIBLIODATA³ contribuindo para o crescimento da base de dados central, para o compartilhamento de recursos informacionais, aperfeiçoando o controle bibliográfico, bem como promovendo a divulgação da coleção existente em cada unidade participante.

Vale destacar que hoje, a Rede BIBLIODATA conta com a participação de sessenta instituições ativas e que o Catálogo Coletivo, já encontra-se disponibilizado para as bases

³ O Banco de Dados Bibliográficos da Rede BIBLIODATA é composto por: Bases Bibliográficas (Português e Outras Línguas) e Bases de Autoridade (Assuntos e Autores), distribuídas em dois CD-ROMs de catalogação. As informações sobre a Rede BIBLIODATA foram extraídas do site: <http://www.bibliodata.fgv.br>.



cooperantes, por meio de uma senha, on-line, através do site <http://www.bibliodata.fgv.br> e em CD-ROM.

Nesse contexto é preciso considerar a necessidade de aceitação do trabalho de catalogação realizado por outras pessoas, é necessário entender o trabalho de cooperação como um modo de facilitar o trabalho do catalogador no sentido de disponibilizar ao usuário final, um catálogo on-line mais completo, ágil e abrangente, com a possibilidade de maior refinamento nas estratégias de busca e recuperação da informação.

Nosso próximo tópico tratará da conversão retrospectiva um procedimento importante no processo de automação que contribui para a agilização do compartilhamento de informações nos trabalhos cooperativos.

4 CONVERSÃO RETROSPECTIVA DE REGISTROS BIBLIOGRÁFICOS

A conversão retrospectiva de registros bibliográficos consiste num tema de considerável relevância para a automação de bibliotecas, pois atua na aceleração do processo de informatização das mesmas, uma vez que se utilizarão de bases de dados como suporte para as rotinas automatizadas.

A criação de uma base de dados representativa e que atenda parte das exigências desejáveis, não é uma tarefa simples, mesmo se utilizadas as modernas ferramentas de informática, porque implica na produção de registros bibliográficos a partir da catalogação completa e confiável, criados dentro de normas e padrões (AACR2).

A idéia de conversão retrospectiva de registros bibliográficos está fortemente ligada à idéia de catalogação cooperativa, pois há pouco tempo, somente as bases de dados de redes cooperativas (como OCLC e BIBLIODATA) eram utilizadas como bases servidoras neste processo.

A utilização da catalogação cooperativa automatizada viabiliza um dos principais interesses de uma biblioteca no projeto de automação: a formação de uma base de dados bibliográficos que reflita seu acervo e que possa ser acessada localmente ou à distância.

No entanto, existe um recurso utilizado em âmbito internacional, que permite às bibliotecas desenvolverem uma base de dados de forma mais rápida. Este processo é denominado conversão retrospectiva – RECON – retrospective conversion “[...] que



consiste na transformação de fichas do catálogo em registros legíveis por máquina” (MARTINELLI, 1998, p. 34). Entretanto, não se pode pensar na automação e na formação de catálogos on-line de bibliotecas consolidadas, sem a utilização do processo de conversão retrospectiva, pois é este processo que proporciona uma maior rapidez no acesso às informações e permite o controle bibliográfico, de modo que as necessidades do usuário final sejam contempladas. O RECON tem como finalidade principal maximizar o acesso às coleções que já compõem os acervos institucionais.

Para que a conversão ocorra nos padrões biblioteconômicos para o meio eletrônico, é importante um software específico que receba e trate os registros e que esteja fundamentado em normas e padrões catalográficos (AACR2), como por exemplo, e a utilização do formato MARC 21, que permitirá o intercâmbio de registros bibliográficos com maior precisão.

Segundo Passoni (2001, p. 56):

Num momento em que a automação das bibliotecas tradicionais (principalmente as universitárias) é um fato, o que torna possível a formação de catálogos bibliográficos em meio eletrônico, acredita-se que a utilização do processo de conversão retrospectiva é extremamente importante, pois possibilita a economia de recursos financeiros e humanos.

A conversão retrospectiva pode ser realizada de diversas formas, e a escolha do melhor método para uma unidade de informação dependerá do tipo e tamanho da coleção, o orçamento será um fator preponderante, bem como a qualidade da demanda, o tempo previsto, e as necessidades dos profissionais.

Um dos pontos que devemos levar em consideração ao realizar a conversão retrospectiva é o processo de representação descritiva, ou seja, a catalogação das obras que irão constituir o acervo das bibliotecas, é ela que determinará a qualidade da base de dados local, pois se a catalogação não for realizada de maneira correta, o sistema não permitirá a leitura dos dados bibliográficos de modo eficaz. Nesse momento, devemos levar em consideração o comprometimento com a biblioteca e principalmente com os usuários de informação, no que concerne aos serviços prestados pela instituição.



Dessa forma, podemos dizer que a conversão retrospectiva de registros bibliográficos é considerado um tema de relevância para a Biblioteconomia, no que concerne ao intercâmbio de informações bibliográficas e catalográficas. Hoje, as bibliotecas estão aderindo cada vez mais ao processo de automação, pautados no formato MARC 21, cuja tendência é crescer cada vez mais, não somente em âmbito internacional, como também em nacional.

Assim, com a elaboração cuidadosa da conversão retrospectiva, os catálogos bibliográficos das instituições de ensino e pesquisa estarão mais preparados para prover o acesso às informações de seus acervos, para os trabalhos cooperativos e para o intercâmbio internacional, disponibilizando ao usuário final um catálogo on-line muito mais completo, ágil e abrangente, com a possibilidade de maior refinamento nas estratégias de busca e recuperação da informação.

A seguir procuramos mostrar como se dá o processo de conversão retrospectiva na UNESP, relatando a experiência de estágio no processo de conversão retrospectiva no Laboratório de Tecnologias Informacionais (LTI).

4.1 Conversão Retrospectiva na Universidade Estadual Paulista-UNESP: um modelo de aplicação

A Rede de Bibliotecas da UNESP é constituída por 23 bibliotecas distribuídas em 16 cidades do Estado de São Paulo. A característica multicampus da Universidade, tornou necessária a criação de uma central que coordenasse tecnicamente suas bibliotecas. Em 22 de maio de 1989, a Biblioteca Central passou a chamar-se Coordenadoria Geral de Bibliotecas – CGB (ALMEIDA et al., 1994). Assim, a CGB foi criada com o objetivo de “[...] viabilizar o funcionamento sistêmico da Rede e promover o aprimoramento das bibliotecas, atuando na capacitação de recursos humanos e na dotação de acervos, equipamentos e edificações” (UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA, 2002, p. 13).

O processo de conversão retrospectiva da Universidade Estadual Paulista – UNESP, iniciou-se por volta de 1994, “[...] com a interligação de suas unidades através de uma rede computacional a partir da Reitoria em São Paulo, quando a CGB pôde também fixar um modelo de automação para suas bibliotecas” (FERREIRA e MARTINELLI, 1999, p. 25).



Para a elaboração do projeto de conversão retrospectiva, considerando-se a quantidade de obras monográficas que a Rede de Bibliotecas da UNESP possui – aproximadamente 800.000 volumes, realizou-se um estudo com as fichas catalográficas do catálogo coletivo da UNESP, localizado em Marília, a fim de verificar quais títulos estavam representados na base do BIBLIODATA, observando quais estavam catalogados no sistema BIBLIODATA, para possível conversão. Perante esta análise, constatou-se que aproximadamente 50% dos títulos do acervo da UNESP já estavam catalogados no sistema BIBLIODATA (FOGOLIN e GATTI, 1999).

Para que o processo de conversão retrospectiva pudesse ser agilizado e o acervo disponibilizado rapidamente, a UNESP instalou um laboratório de conversão em Marília, denominado Laboratório de Tecnologias Informacionais (LTI), conveniado com o Departamento de Ciência da Informação, da Faculdade de Filosofia e Ciências de Marília, do curso de Biblioteconomia, onde foram contratados alunos do curso de Biblioteconomia, com supervisão de bibliotecárias da CGB.

Foi-se iniciando a formação do Banco de Dados Bibliográficos ATHENA, com a entrada de registros de forma descentralizada, ou seja, as bibliotecas da Rede realizam a conversão retrospectiva e catalogação original, e o LTI com a fase de pesquisa em bases servidoras importam os registros recuperados.

A estrutura do Banco de Dados ATHENA é constituído, segundo Ferreira e Martinelli (1999, p. 28):

- ◆ Base de Dados Bibliográficos – UEP01: catálogo coletivo da Universidade;
- ◆ Base de autoridades – autores e assuntos – uso comum toda Rede;
- ◆ Base de holdings – localização das obras – servidor CGB;
- ◆ Base local de Dados Bibliográficos – dados de acervo local – cada biblioteca;
- ◆ Bases Administrativas – com informações administrativas de usuários, horários etc.



Após demonstrarmos o processo de conversão retrospectiva, bem como o processo na Universidade Estadual Paulista- UNESP, nosso próximo tópico trará as considerações finais, apontando as sugestões, observações e os resultados da pesquisa.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Num cenário em que a automação de bibliotecas se encontra em ascensão, tornando possível a formação de catálogos bibliográficos em meio eletrônico, acredita-se que a utilização do processo de conversão retrospectiva é extremamente importante, possibilitando a economia de recursos financeiros e humanos.

Verificamos que a conversão retrospectiva ainda é uma necessidade nacional e que muitas bibliotecas e muitos profissionais desconhecem esta prática, considerando que na automação de uma biblioteca, o serviço de conversão deve caminhar em paralelo com a automação.

Outro fato que devemos levar em consideração no processo de conversão retrospectiva é a adoção de um formato padrão para o qual os registros devem ser convertidos. Observamos que o formato mais adotado internacionalmente é o MARC 21, que permite fazer o intercâmbio de registros bibliográficos e catalográficos. Vale ressaltar também a importância da adoção de um software para que receba e trate os registros bibliográficos, no sentido da padronização e fácil acesso aos usuários de informações.

Quanto à prática do trabalho cooperativo, de acordo com a literatura utilizada e consultada para a realização da pesquisa, percebe-se que ainda há uma certa resistência por parte do profissional bibliotecário/catalogador em aceitar a catalogação realizada por um outro profissional. Dessa forma, é interessante que o bibliotecário reconheça a importância desse tipo de serviço e invista em treinamentos e cursos de atualização e especialização.

Pensando nisso, a Universidade Estadual Paulista – UNESP, iniciou o processo de automação de sua rede de bibliotecas, investindo na conversão retrospectiva para a formação de um Banco de Dados Bibliográficos, o ATHENA.

O Grupo de Automação da UNESP, desde o ano de 2001, tem elaborado para a Rede de Bibliotecas da UNESP, roteiros para os diversos formatos de materiais informacionais, designados “Padrão de Registros Bibliográficos da UNESP”, como ferramenta para a entrada



de registros bibliográficos no Banco ATHENA, de acordo com as regras de catalogação (AACR2) e o formato MARC 21.

Os registros bibliográficos da UNESP são padronizados, recuperáveis, confiáveis e reconhecidos, proporcionando um banco de dados com alto grau de qualidade e confiabilidade, como ferramenta fundamental de apoio para o ensino, pesquisa e extensão.

Para Hübner (2002, p. 12)

[...] um projeto de conversão retrospectiva, se bem planejado e executado, é altamente vantajoso para a biblioteca, pois é uma forma rápida e eficiente para incorporar ao catálogo on-line centralizado os registros que se encontram em catálogos manuais ou dispersos muitas vezes em diversas bases provisórias de soluções locais.

Dessa forma, podemos concluir que o processo de conversão retrospectiva é considerado um método vantajoso para a automação de uma unidade de informação e que o profissional bibliotecário está cada vez mais utilizando dessa ferramenta. Mas ainda é preciso que o bibliotecário busque cada vez mais, cursos e treinamentos para se aperfeiçoar e atualizar-se.

A UNESP, através da CGB, desde o princípio da conversão retrospectiva, promove cursos de capacitação e aperfeiçoamento aos bibliotecários, tanto em relação ao formato MARC 21, quanto aos instrumentos de trabalho utilizados.

Vale salientar que no projeto de conversão retrospectiva, um outro aspecto que devemos levar em consideração é a satisfação da comunidade (usuários de informação), se estes irão se beneficiar com os serviços prestados.

Para que isto aconteça é preciso investir e propõe-se, a partir das informações acima, que se adote uma política de controle de qualidade, no sentido de disponibilizar registros bibliográficos de boa qualidade, que são frutos de uma representação descritiva de confiabilidade, e para que os mesmos caminhem para uma padronização única. Através disso, acreditamos que se terá um sistema de busca eficiente, que irá gerar a satisfação e beneficiará o usuário em suas necessidades informacionais.

Quanto ao profissional bibliotecário, vale frisar que este deve estar cada vez mais utilizando dessa ferramenta e os cursos de graduação em Biblioteconomia poderiam tratar do



assunto na disciplina Catalogação Automatizada, naquilo que envolve a representação e o intercâmbio de registros bibliográficos e catalográficos. Portanto, esta pesquisa pode ser apenas o início para o estudo aprofundado da conversão retrospectiva.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, G. M. O. B. et al. Projeto de automação da Rede de Bibliotecas da UNESP. In: SEMINÁRIO SOBRE AUTOMAÇÃO EM BIBLIOTECAS E CENTROS DE DOCUMENTAÇÃO, 5., 1994, São José dos Campos. Anais... São José dos Campos: UNIVAP, 1994. p. 141-146.

BROWN, D. R. Consórcios e redes nas bibliotecas acadêmicas dos Estados Unidos. Transinformação, Campinas, v. 10, n. 1, p. 33-61, jan./abr. 1998.

FERREIRA, M. M. ; MARTINELLI, A. T. Formação da base de dados ATHENA. In: SIMPÓSIO INTERNACIONAL DE BIBLIOTECONOMIA, 3., 1999, Marília. Anais... Marília: Faculdade de Filosofia e Ciências da UNESP, 1999. p. 25-31.

FOGOLIN, D. F. ; GATTI, C. A. S. A. Utilização de bolsistas na conversão retrospectiva: relato de experiência na UNESP. In: SIMPÓSIO INTERNACIONAL DE BIBLIOTECONOMIA, 3., 1999, Marília. Anais... Marília: Faculdade de Filosofia e Ciências da UNESP, 1999. p. 33-40.

HÜBNER, E. Conversão retrospectiva de registros bibliográficos. In: SEMINÁRIO NACIONAL DE BIBLIOTECAS UNIVERSITÁRIAS, 13., Recife, 2002. Anais... Recife: UFPE, 2002. p. 2-13.

MARASCO, L. C. ; MATTES, R. N. Avaliação e seleção de software para automação de centros de documentação e bibliotecas. Cadernos da FFC. Marília, v. 4, n. 1, p.48, 1995.



MARTINELLI, A. T. S. A base de dados bibliográficos de acervos como suporte para o processo de automação: uma experiência na UNESP-Universidade Estadual Paulista. In: SEMINÁRIO NACIONAL DE BIBLIOTECAS UNIVERSITARIAS, 10., Fortaleza, 1998. Anais... Fortaleza: FINEP, 1998. p.2-34. (Publicado em disquete).

MEY, E. S. A. Introdução à catalogação. Brasília: Briquet de Lemos/Livros, 1995. 123 p.

PASSONI, L. Avaliação de linguagem documentária em catálogos cooperativos on-line: um estudo de caso para levantamento de indicadores de avaliação do Banco de Dados Bibliográficos ATHENA. Marília, 2001, 64 f. (Trabalho de Conclusão de Curso – Faculdade de Filosofia e Ciências, Marília, 2001).

SOUZA, T. B. de. ; MOSTAFÁ, S. P. Catalogação cooperativa na rede BIBLIODATA/CALCO: a questão da repetitividade dos títulos no catálogo coletivo. Transinformação, Campinas: PUCAMP, v. 11, n. 2, p. 127-133, maio/ago. 1999.

SOUZA, T. B. de. ; CATARINO, M. E. ; SANTOS, P. C. dos. Metadados: catalogando dados na internet. Transinformação, Campinas: PUCAMP, v. 9, n. 2, p. 1-11, maio/ago. 1997.

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA. Coordenadoria Geral de Bibliotecas.
Disponível em: <<http://www.cgb.unesp.br/12htm>>. Acesso em: 02 set. 2002.

BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

BALBY, C. N. Conversão retrospectiva: para consolidar a automação e a cooperação nas bibliotecas brasileiras. In: SEMINÁRIO SOBRE AUTOMAÇÃO EM BIBLIOTECAS E CENTROS DE DOCUMENTAÇÃO, 5., 1994, São José dos Campos. Anais... São José dos Campos: UNIVAP, 1994. p. 42-48.



CHAPMAN, A. Retrospective catalogue conversion: a national study and a discussion based on select literature. *Libri*, v. 46, p. 16-24. 1996.

CÔRTE, A. R. et al. Avaliação de softwares para bibliotecas e arquivos. 2. ed. São Paulo: Polis, 2002. 219 p.

FUNDAÇÃO GETÚLIO VARGAS. Rede BIBLIODATA. Rio de Janeiro. Disponível em: <<http://www.bibliodata.fgv.br>>. Acesso em: 22 ago. 2002.

KRZYZANOWSKI, R. F. Conversão retrospectiva de catalogação de registros bibliográficos do Banco Dedalus: uma experiência do SIBi/USP. São Paulo: SIBi/USP, 1999. p.3.

Disponível em: <<http://www.oclc.org/oclc/lac/port/971028b.htm>>. Acesso em : 17 jun. 2002.

_____. Cooperação e compartilhamento para o aperfeiçoamento dos serviços bibliotecários em bibliotecas universitárias. *Transinformação*, Campinas, v.10, n.1, p.15-32, jan./ abr. 1998.

MARC 21: formato condensado para dados bibliográficos. Tradução e adaptação de Margarida M. Ferreira. Marília: UNESP-Marília-Publicações, 2000. v. 1. (Publicações Técnicas, n. 2). Título original: MARC 21: Concise for Bibliographic Data da Network Development and MARC Standards Office – Library of Congress – USA.

VASCONCELLOS, P. A. G. Bibliodata/CALCO: informação bibliográfica para o desenvolvimento. *Ci. Online*, Brasília, v. 25, n. 3, p. 450-453, set./dez. 1996. Disponível em: <<http://www.ibict.br/cionline/250396/25039623.pdf> >. Acesso em: 12 ago. 2002.